

PRÁTICAS EDUCATIVAS INOVADORAS - CORPORALIDADES E
SUBJETIVIDADES

**TRISTES, LOUCAS E MÁS: REFLETINDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES FEMININAS**

Maria Regina Bortolini De Castro (reginabortolini@prof.unifase-rj.edu.br)

Ana Lucia De Carvalho (ana.carvalho@prof.unifase-rj.edu.br)

Ana Clara Araújo Pereira (claraapclaraana@gmail.com)

Ana Beatriz Gonçalves Mello (anabiagmello@gmail.com)

Helena Moulin Valencia Ribeiro (lele16moulin@gmail.com)

Hillary Vitória Santos Freire (mollenari@gmail.com)

Jordana Rodrigues Pimentel (heloisa.jordanapimentel@gmail.com)

Larissa Crispim Barbosa (larissacrispimbarbosa@gmail.com)

Mariana Takeuchi (marytakeuchi1@bol.com.br)

Victória Cecília De Oliveira Virginio (victoria.ceciliaoliveira@gmail.com)

Desde a pandemia de Covid-19, com a interrupção das atividades presenciais, o Laboratório de Estudos em Representações Sociais e Saúde - LERS e o Coletivo Feminista – COFEM, do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto/Faculdade de Medicina, em Petrópolis, Rio de Janeiro vem desenvolvendo parceria no desenvolvimento de um grupo de estudos sobre questões de gênero. . O LERS é um grupo de pesquisa interdisciplinar no campo das Representações Sociais e Saúde, sobre temas relativos às

transformações culturais e os processos psicossociais envolvidos na construção de representações no âmbito da saúde, especialmente na dimensão simbólica da constituição das subjetividades e identidades de gênero. O COFEM reúne estudantes de diferentes cursos com a finalidade de promover a reflexão e o ativismo em torno das questões de gênero. Nosso objetivo é construir espaços de estudo e diálogo sobre as questões de gênero, articulando a leitura acadêmica e as vivências coletivas. Em 2022/2023, o grupo vem desenvolvendo estudo sobre a obra “Tristes, loucas e más”, de Lisa Appignanesi com encontros virtuais quinzenais, através de plataforma digital, de 2 horas cada, onde um capítulo por vez é discutido. Os encontros contam com cerca de 20 estudantes, majoritariamente do sexo feminino e da área da saúde (medicina, psicologia). Após os encontros, cada participante elabora um “diário reflexivo” na forma de texto acadêmico e/ou outras linguagens (poesia, ilustração, etc) onde registram suas impressões e os afetamentos provocados pelo estudo. Num contexto de grandes transformações sociais (dos 1800 até atualidade), onde mulheres enfrentam dificuldades para se adequar a exigências conflitantes, com Ligia Appignase estamos mergulhando nos processos da marginalização e estigmatização que levou mulheres a serem confinadas, apartadas da sociedade como “loucas”, uma categoria de acusação com alto poder de contaminação, legitimada por visões de mundo e valores morais. Tem sido possível analisar o papel da ciência médica, em especial a Psiquiatria e a construção de um discurso médico-legal e todo um aparato institucional, em respaldar possibilidades de coerção, até mesmo policial de mulheres com “problemas de saúde mental”. Depressão, melancolia, histeria, esquizofrenia e outras condições psíquicas, a relação entre sexualidade e saúde, médico e paciente, a clínica e a sociedade, são analisadas numa perspectiva histórica. Nos encontros emergem relatos pessoais e as discussões ultrapassam a fronteira do conhecimento acadêmico e expõem o potencial psicosssexual, de cada uma de nós e de todas como um coletivo, é regulado pelas convenções e mesmo pelas ciências em saúde. É possível observar o amadurecimento individual e coletivo na reflexão sobre a construção social do feminino, não apenas no âmbito acadêmico, mas especialmente, como uma trilha de autoconhecimento. Concluiu-se que mais que um grupo de estudos a experiência se aproximou de um grupo de encontro, nos termos de Carl Rogers, ou seja, um grupo orientado para o desenvolvimento pessoal e o melhoramento das comunicações e relações interpessoais. As participantes não só debatem sobre as obras como questionam e refletem sobre suas biografias pessoais. Muitas vezes, nesses

diálogos (trans)formativos, a objetividade do debate acadêmico deu lugar ao lirismo da poesia, e mesmo imagens substituíram o discurso verbal. O uso de diferentes linguagens permitiu que cada estudante se expressasse de modo próprio, entrelaçando subjetividades e tocando em diversas dimensões das situações discutidas. Não é uma prática comum na universidade que a ciência possa servir para não apenas ler o mundo, mas seja oportunidade também para ler a si mesmo. A experiência se mostrou um espaço excepcional para as participantes explorar suas concepções acerca do processo saúde-doença, de reconhecer os processos de estigmatização social, refletindo sobre a construção de subjetividades femininas (a sua própria mesma), é, sem dúvida, uma oportunidade inestimável, não só para a pessoa que cada uma é, mas também para as(os) profissionais que queremos ser.